

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL -
UFRGS/MEC

Vanessa Glenda Reffiel

Quem disse que a Faixa Etária Um não brinca de faz-de-conta?
Modos de brincar de crianças bem pequenas

Porto Alegre
1º semestre
2016

Vanessa Glenda Reffiel

Quem disse que a Faixa Etária Um não brinca de faz-de-conta?

Modos de brincar de crianças bem pequenas

**Trabalho de Conclusão de Especialização
em Docência em Educação Infantil –
UFRGS/MEC, do Programa de Pós-
Graduação em Educação da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.**

**Orientadora:
Prof^a Dr^a Leni Vieira Dornelles**

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido e companheiro de todas as horas que sempre me apoiou, incentivou e me esperou pacientemente durante todo o curso e escrita do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Aos meus familiares, pai, mãe e irmã que sempre acreditam e torcem por mim.

Às minhas amigas e colegas de trabalho, parceiras de curso e de muitas idas e vindas de Novo Hamburgo a Porto Alegre, sempre com muitas discussões, alegrias, caronas e acolhida.

À minha companheira de quatro patas que esteve presente durante toda escrita do trabalho, aguardando pela hora do seu passeio.

Aos pais e às crianças envolvidas na pesquisa que me possibilitaram investigar e compreender suas brincadeiras de faz-de-conta.

À direção da escola e a todas as colegas que estiveram dispostas a me ajudar, indicando leituras, emprestando livros e dialogando sobre o tema.

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Leni Vieira Dornelles por sempre estar disposta a ajudar e orientar os caminhos.

Aos professores do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil que me trouxeram muitos ensinamentos.

Lili vive no mundo do faz-de-conta.
Faz de conta que isto é um avião, zum...
Depois aterrizou em pique e virou trem
Tuc, tuc, tuc, tuc...
Entrou pelo túnel chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! Pum! Pum! Pum!
O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão, levaram Lili para a cama
a força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
fazendo de conta que era mesmo uma lata de
sardinha.

Lili inventa o mundo.
Mário Quintana.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Quem disse que a Faixa Etária Um não brinca de faz-de-conta? Modos de brincar de crianças bem pequenas” surge a partir da problematização daquilo que pouco tem se tratado sobre o tipo de brincar das crianças bem pequenas. A investigação aqui apresentada nos mostra que, desde muito cedo, elas estão realizando pequenos momentos de brincadeiras de faz-de-conta. A pesquisa foi realizada em uma escola pública, localizada na região oeste do município de Novo Hamburgo com um grupo de quatorze crianças de um a dois anos, da Faixa Etária Um. O objetivo principal é identificar os modos como as crianças utilizam o faz-de-conta e analisar o que estão representando nestas brincadeiras. A pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa com crianças, utilizando como metodologia a observação participante, observações e registros fotográficos, bem como um diário de campo. Ao tratar dos dados da pesquisa foi possível classificá-los em duas categorias de análise, primeiro a rotina da educação infantil que está presente na maioria das brincadeiras observadas e, segundo a diferença das brincadeiras e representações de meninos e meninas. Alguns dos autores teórico-metodológicos que fundamentaram esta pesquisa foram Piaget (1978), Santos (2001), Kishimoto (2006, 1998), Fortuna (2013), Oliveira (2000), Dornelles (2001), Gonzalez-Mena e Eyer (2014), Barbosa (2006) entre outros, autores que estudam o brincar e o lúdico de crianças pequenas. Após a investigação, leituras e estudos realizados, posso afirmar que sim, crianças bem pequenas brincam de faz-de-conta, assim como o quanto de significado e de aprendizagem estão representando nessas brincadeiras. Entendo, a partir da pesquisa, que cabe a nós professores dar voz, valor e sentido ao brincar de faz-de-conta das nossas crianças bem pequenas. Dar tempo às suas explorações, descobertas e representações. Nesse grupo esse modo de brincar aparece marcado por questões de gênero, daí ser importante possibilitar que meninas e meninos criem enredos em seu brincar, que fujam das situações do menino só brinca de carro e menina só cuida do filhinho. Organizar e preparar ambientes seguros e desafiadores, em que meninas e meninos possam interagir entre si e com seus pares enriquecendo cada vez mais os seus iniciantes nos jogos de faz-de-conta.

Palavras-chave: Educação Infantil; Brincadeiras de Faz-de-Conta; Rotina; Gênero.

SUMÁRIO

1 O FAZ-DE-CONTA EM UMA TURMA DE FAIXA ETÁRIA UM.....	7
2 AS CRIANÇAS TÃO PEQUENAS JÁ BRINCAM DE FAZ-DE-CONTA?.....	9
3 MODOS DE BRINCAR DE MENINOS E MENINAS.....	14
4 ENTRANDO NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO DA FAIXA ETÁRIA UM.....	16
5 COMO BRINCAM DE FAZ-DE-CONTA AS CRIANÇAS DA PESQUISA	19
5.1 O BRINCAR DE FAZ-DE-CONTA QUE REPRODUZ OS MOMENTOS DA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
5.2 UM BRINCAR DE FAZ DE CONTA DE MENINOS E MENINAS	28
6 TERMINANDO A BRINCADEIRA	36
7 REFERÊNCIAS	39
8 ANEXOS	42

1 O FAZ-DE-CONTA EM UMA TURMA DE FAIXA ETÁRIA UM

A pesquisa que desenvolvo no Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Docência na Educação Infantil é intitulada como: “Quem disse que a Faixa Etária Um não brinca de faz-de-conta? Modos de brincar de crianças bem pequenas” e surgiu a partir de observações realizadas ao longo de alguns anos em que atuei, e ainda atuo, em turmas de bebês e crianças pequenas. Neste trabalho me refiro a crianças pequenas, pois são crianças que tem idade em torno de um ano e meio. O trabalho foi desenvolvido em uma turma com 14 crianças de um ano e cinco meses a dois anos e cinco meses, em uma Escola de Educação Infantil – EMEI – situada na região oeste do município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Desde o início de minha docência trabalho na educação infantil, muitas vezes com bebês da faixa etária zero, crianças a partir de cinco meses, também com a faixa etária um, a partir de um ano, e que ao decorrer do ano letivo completam um ano e dois anos respectivamente. Durante os três primeiros anos convivi com turmas de faixa etária um ano em uma Escola Municipal de Educação Infantil do município de Novo Hamburgo, esta escola é terceirizada, ou seja, atende crianças do município, mas quem administra é uma instituição privada.

Ao ser chamado no concurso, no município de Novo Hamburgo, fui encaminhada a uma Escola de Educação Infantil recém-inaugurada do projeto Pró-Infância, escola em que realizei a pesquisa e atuo até o momento, desta vez tive a oportunidade de trabalhar dois anos com a faixa etária zero, um desafio que foi aceito como forma de poder viver diariamente e conhecer o rico e complexo mundo dos bebês.

No terceiro ano de atividades com crianças pequenas, retorno a faixa etária um com a perspectiva de não só aprender com eles, mas também de trazer a este TCC, como crianças tão pequenas atuam quando estão brincando de faz-de-conta, o que dizem e representam nesta situação de brincadeira.

Estou sempre muito atenta observando suas brincadeiras e interagindo com as crianças, percebi que cada vez mais estão fazendo o uso do jogo de faz-de-conta, representando cenas do cotidiano, de casa, da escola e de outros ambientes que convivem.

Sendo assim, início este trabalho no primeiro capítulo definindo e conceituando, a partir de teóricos, o brincar de crianças bem pequenas e o jogo de faz-de-conta, mostrando como elas brincam nas escolas de Educação Infantil. No segundo capítulo busco mostrar e

descobrir o porquê do brincar de crianças muito pequenas, de meninos e de meninas, tem se mostrado diferente. A metodologia de trabalho encontra-se no terceiro capítulo, relatando como a pesquisa foi desenvolvida com as crianças. O quarto capítulo traz duas análises de dados selecionados para relatar e discutir teoricamente, a primeira análise é em relação às partes da rotina da turma, que foi representada em muitas das brincadeiras de faz-de-conta e a segunda análise é referente às diferenças das brincadeiras de meninos e meninas. No quinto capítulo são apresentadas as conclusões que tive com esta pesquisa.

2 AS CRIANÇAS TÃO PEQUENAS JÁ BRINCAM DE FAZ-DE-CONTA?

O inédito de minha pesquisa é mostrar como as crianças desde pequenas brincam de faz-de-conta e tem uma forma muito especial de representar esse faz-de-conta, que nesse grupo aparece já marcado por questões de gênero. Muito se tem escrito sobre o faz-de-conta e na maioria das vezes tratando da importância para o desenvolvimento das crianças, contudo esta pesquisa se justifica ao se observar que pouco se tem tratado deste tipo de brincar, a partir de uma investigação com crianças tão pequenas e seus modos de atuarem nos mostrando que desde muito cedo realizam pequenos momentos de brincadeira de faz-de-conta. Busco assim, analisar o modo como brincam e utilizam o faz de conta em suas brincadeiras. Este capítulo aborda o brincar de crianças pequenas e o faz-de-conta na faixa etária pesquisada.

Diante disso, vejo a importância de investigar sobre as brincadeiras desta faixa etária, como vem sendo utilizado o jogo de faz-de-conta, visto que, como aponta Macedo (2004),

Graças ao faz-de-conta, a criança pode imaginar, imitar, criar ou jogar simbolicamente e, assim, pouco a pouco, vai reconstruindo em esquemas verbais ou simbólicos tudo aquilo que desenvolveu em seu primeiro ano de vida. Com isso, pode ampliar seu mundo, estendendo ou aprofundando seus conhecimentos para além de seu próprio corpo; pode encurtar tempos, alargar espaços, substituir objetos, criar acontecimentos. Além disso, pode entrar no universo de sua cultura ou sociedade aprendendo costumes, regras e limites. (MACEDO, 2004, p.10).

Os momentos de brincadeiras das crianças da turma pesquisada são observados com atenção, percebi durante estes momentos o quanto as crianças pequenas brincam de faz-de-conta. Socializando-se e interagindo com os colegas e professoras através deste modo de brincar, bem mais cedo que muitas das teorias sobre esse brincar apresentam.

Há quem diga que bebês e crianças bem pequenas não brincam de faz-de-conta, apenas se distraem com brinquedos, mas por outro lado como afirma Fortuna e Silva (2013, p.05), “[...] muitos são aqueles que, inseridos no contexto diário do berçário, consideram a criança como sujeito ativo e acreditam em suas capacidades, mesmo que ela não esteja apta para mobilizá-las sozinha e dependa da tutela de um adulto.”. Conforme dito pelas autoras, profissionais da educação, mais precisamente falando de professores da educação infantil, acreditam e afirmam que as crianças desde muito pequenas brincam sim, mas de que?

A brincadeira de bebês e crianças pequenas é diferente das de crianças maiores, bebês brincam explorando, se movimentando e fazendo novas descobertas a todo o momento. Segundo Gonzalez-Mena e Eyer (2014, p.73) “a brincadeira livre e de exploração é uma

atividade não controlada, porém monitorada”, ou seja, é quando a criança tem a liberdade de escolher do que quer brincar, sem ter interferência de algum adulto. Os adultos tem certa dificuldade para entender a brincadeira de exploração e por isso acabam interferindo no brincar das crianças.

O papel do professor nestas faixas etárias deve ser o de facilitador do aprendizado, oferecendo e favorecendo as brincadeiras com segurança, organizando o ambiente/espço para tal, estimulando interações entre os pares e entre adulto/criança. Segundo Coutinho (2013),

Reconhecer os bebês como competentes requer do adulto uma postura atenta quanto àquilo que eles já são capazes de fazer e significar para lhes provocar a avançar nesses processos, ou seja, os profissionais devem organizar o tempo e o espaço assegurando que os bebês tenham condições de ação, porém sempre os provocando a tornar essas ações mais complexas. (COUTINHO, 2013, p.09).

Ao observarmos crianças de um ano em salas de aula carregando objetos de um lado para outro, transitando, é como se estivessem apenas caminhando, mas se acompanharmos o início e fim do trajeto pode-se dizer que estão fazendo escolhas, mudanças sensoriais e até fazendo contato com pessoas próximas enquanto exploram o ambiente.

Ao se referir às crianças de um a dois anos, Zatz *et al.* (2006, p.41) afirmam “Caminhando agora com desenvoltura, quer investigar o mundo que se abre para ela. Não permanece por muito tempo no mesmo lugar, na mesma atividade, porque tem milhares de coisas e lugares para explorar. A criança começa a querer ser independente.”.

De acordo com Gonzalez-Mena e Eyer (2014) perambular com objetos, carregar e esvaziar coisas são habilidades motoras amplas que as crianças pequenas praticam muito. Isso justifica as salas de aula bagunçadas após momentos de brincadeiras livres e de exploração, onde a criança pega um brinquedo e larga, pega outro, brinca e solta, se interessa por outra brincadeira e abandona outro brinquedo, não permanecendo por muito tempo em uma mesma brincadeira.

Conforme vão crescendo, por volta dos três anos, o tempo de concentração em uma brincadeira vai ficando cada vez mais longo e a criança fica mais envolvida em determinada brincadeira que demora a terminar. Também vale lembrar que o tempo de uma criança não é o mesmo do que de outra, cada um tem sua singularidade e deve ser respeitado no seu tempo, como traz Fortuna (2011)

As crianças não brincam do mesmo modo. Algumas demoram mais tempo para entrar na brincadeira, enquanto outras custam a sair dela. Às vezes, preferem jogos calmos; outras vezes apreciam a brincadeira turbulenta, com gestos amplos e ruídos exagerados. [...] suas escolhas contam muito dos seus desejos, medos capacidades e potencialidades. (FORTUNA, 2011, p.09).

Durante os momentos de brincadeiras percebe-se que a criança interage com seus pares criando e recriando brincadeiras bem como ensina Dornelles (2001),

A brincadeira é algo de pertence à criança, a infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo. (DORNELLES, 2001, p. 104).

Vimos até aqui que a criança brinca desde o seu nascimento, explora objetos, movimentos e seu corpo, se desenvolve realizando descobertas e interagindo com o mundo ao seu redor. Mas, a brincadeira de faz-de-conta já está presente nas ações desta criança tão pequena? Como ela brinca de faz-de-conta nesta idade? Em seguida será feita a análise de como as crianças de determinada turma utilizaram esta brincadeira.

Piaget (1978) classificou os jogos em jogos de: exercício, simbólicos e de regras. Os jogos de exercício são quando o bebê, nos seus primeiros meses de vida, exercita seu corpo e suas habilidades motoras através de movimentos básicos como pegar, sacudir, morder, explorar. Ainda nesta etapa de jogo pode-se observar o início da simbolização, a presença da imagem mental na brincadeira, Santos (2001) afirma que a criança passa a inventar o mundo, sugerindo novas maneiras de interpretá-lo, isso caracteriza um novo tipo de atividade lúdica denominada de jogos simbólicos.

Os jogos simbólicos são também denominados de jogos de faz-de-conta, de representação de papéis ou sociodramático. Ao longo desta pesquisa utilizarei como denominação a brincadeira de faz-de-conta.

[...] o início dos jogos simbólicos ocorre a partir da aquisição da representação simbólica, impulsionada pela imitação. A criança bem pequena só é capaz de imitar um modelo que esteja presente, pois não é capaz de imaginar; mais adiante, na etapa simbólica, a criança passa a imitar modelos ausentes, ou seja, ela reproduz um modelo interiorizado [imaginado]. (SANTOS, 2001, p.92).

A criança, por volta de um ano e meio, começa a realizar ações cotidianas atribuídas aos objetos, às primeiras imitações do mundo adulto, e realizam transposições, após isto, por

volta dos dois anos começa a realizar os jogos de imitação propriamente ditos, conforme Santos (2001, p.92), ela não se limita à cópia nem a fidelidade aos modelos que representa, pois busca afirmação de si mesmo. Neste momento é importante proporcionar à criança espaços destinados a brincadeiras de faz-de-conta, ou seja, criar “cantos” como: cozinha, fantasia, casa de boneca, consultório médico, salão cabeleireiro e tantos outros.

Nestes espaços é importante incorporar materiais, objetos e/ou brinquedos, de uso do mundo adulto, coisas que as crianças são proibidas de brincar normalmente, tornando assim a brincadeira de imitação mais próxima do real. Como afirma Dornelles (2001, p.106), “O brinquedo de faz-de-conta, normalmente, é garantido na sala de aula, no pátio, na casa, onde a família, a educador/a estrutura um espaço que resgate a possibilidade de se poder brincar em pequenos grupos e longe do olhar sempre vigilante do adulto”. Ainda de acordo com Dornelles (2001), é através do faz-de-conta que a criança tem a possibilidade de experimentar diferentes papéis sociais que conhece e vivencia no cotidiano de suas histórias de vida.

Santos (2001) afirma que no início das imitações, ela utiliza os modelos mais próximos dela, pois observa atentamente as ações das pessoas e em seguida reproduz de forma simplificada. A brincadeira de faz-de-conta também tem grande ligação com a cultura, com os ambientes que a criança frequenta, como traz Bomtempo (2006),

Dentro de uma mesma cultura, crianças brincam com temas comuns: educação, relações familiares e vários papéis que representem as pessoas que integram essa cultura. Os temas, em geral, representam o ambiente das crianças e aparecem no contexto da vida diária. Quando o contexto muda, as brincadeiras também mudam. Pode-se dizer, então, que o ambiente é a condição para a brincadeira e, por conseguinte, ele a condiciona. (BOMTEMPO, 2006, p.68).

Conforme a criança vai crescendo, a brincadeira de faz-de-conta evolui, por volta dos três anos o jogo fica mais complexo, pois ela consegue elaborar situações de cenas inteiras, mais ricas e detalhadas e também consegue criar personagens imaginários e assumir diferentes papéis. Concordo com Bomtempo (2006) quando afirma que sentimo-nos atraídos pelas representações que a criança desenvolve, pois as cenas se desenrolam com clareza e não deixam dúvida do significado que os objetos assumem.

De acordo com Oliveira (2000) aprender a brincar de forma simbólica, representando a realidade onde vive, resgatando suas lembranças e valores, regras e fantasias, faz parte do desenvolvimento humano das crianças de hoje e de sempre.

O brincar com regras, de acordo com Piaget (1978), ocorre a partir dos cinco anos. As regras pressupõem a interação de pelo menos dois indivíduos e funciona para regular e

integrar o grupo social. Dois tipos de regras são distinguidos, as impostas pelo grupo e as construídas espontaneamente.

Na escola de Educação Infantil se pode ver crianças de todas as faixas etárias brincando de faz-de-conta, cada uma da sua maneira, fato de extrema importância, pois percebe-se a escola proporcionando este tipo de brincar.

Para que o brincar se transforme na atividade principal da criança, com impacto positivo na sua educação e na ampliação de suas experiências, é preciso organizar o espaço e selecionar materiais e objetos que provoquem sua imaginação. Diante de um estetoscópio, ela é levada a entrar na temática de “ser médico”; ao ver a mamadeira, torna-se “a mãe que dá mamadeira ao filho”; um carrinho a leva a “passar com seu bebe”. A ausência de mobiliário, brinquedos e acessórios (que acompanham especialmente as bonecas) dificulta o brincar imaginário. (BRASIL, 2012, p.23).

A partir das considerações feitas neste capítulo pode-se observar que desde muito pequenas as crianças simbolizam, representam papéis e imitam os adultos que estão à sua volta. Ao longo dos anos esta simbolização vai se modificando e a brincadeira vai ficando mais elaborada, com uma duração maior de tempo. Mas outros questionamentos surgem, quais papéis estão representando? Por que estão representando estes papéis? De que forma estão representando? São esses aspectos os analisados nas imagens, cuidadosamente observadas e nas escritas a partir das observações realizadas em uma turma de faixa etária um ano.

3 MODOS DE BRINCAR DE MENINOS E MENINAS

Talvez não seja exagero afirmar que nossas identidades (de gênero, sexuais, raciais) vão-se delineando, mesmo antes de nascermos, a partir das inúmeras expectativas que são em nós depositadas. (FELIPE; GUIZZO, 2003, p.124).

Início este capítulo com as palavras de Felipe e Guizzo (2003), pois se refere justamente ao que venho problematizando ao longo do TCC. O que as pessoas pensam no primeiro momento quando recebem a notícia do sexo do bebê? *O nome*. Em seguida começam a imaginar como será o quarto, a mobília, as roupas, os brinquedos, e tudo associado ao sexo do bebê, ou seja, desde o nascimento criamos expectativas em relação à criança, e esta vai crescendo neste contexto social e muitas vezes, agindo desta mesma forma, neste mesmo padrão, comportando-se, quase sempre de acordo com os padrões esperados em determinada cultura ou sociedade.

Desde o século XVIII e XIX, estudiosos defendiam que meninas deveriam ser recatadas e criadas principalmente para desenvolver atividades voltadas à família e ao lar, enquanto meninos eram incentivados a ocupar lugares de maior prestígio e visibilidade social (FELIPE, 2000).

A mídia e a divulgação dos brinquedos, como já dizia Brougère (2004), é amplamente estruturada a partir da diferença entre brinquedos de meninas e brinquedos de meninos, vitrines, catálogos, prateleiras e propagandas mostram nitidamente esta divisão de brinquedos. Felipe e Guizzo (2003) também concordam que a mídia constantemente veicula discursos podendo produzir efeitos de verdade no comportamento, não só das crianças, como também dos adultos, de uma maneira geral.

É relevante salientar a grande importância das escolas quando se trata da produção de identidades, “elas ocupam um espaço significativo na vida das pessoas pelos conhecimentos que propagam, pelas condutas que ensinam, pelos padrões que estipulam, pelas vozes que silenciam, etc.” (GUIZZO *et al.*, 2013, p.24).

Brougère (2004) ao afirmar que as culturas lúdicas têm sexo já havia observado que “Meninos e meninas não brincam da mesma maneira, nem com os mesmos objetos. Além da observação que qualquer um pode fazer, é impressionante a força da distinção. Desde a escola materna^{14,15}l, os comportamentos lúdicos de meninas e meninos diferem.” (BROUGÈRE, 2004, p. 289). A escolha por brinquedos do outro sexo surge cultural e socialmente, muitas

vezes a partir do que é oferecido como brinquedo e brincadeira para meninos e meninas. Um ambiente em que é convidada a brincar de um jeito e não de outro, desta maneira a criança opta por estes brinquedos, não tendo oportunidade de conhecer os brinquedos do sexo oposto.

Os brinquedos destinados aos meninos geralmente contém temas de aventura, guerra e competição expressando “masculinidade”, já os brinquedos destinados às meninas são voltados aos campos de atividades domésticas e maternais. “Mesmo que as meninas brinquem com os meninos os temas que elas põem em evidencia está menos ligado à guerra, à luta, e mais próximos da vida cotidiana” (BROUGÈRE, 2004, p.58). Mas isso não quer dizer que meninos não possam brincar com brinquedos de meninas e/ou vice-versa, observei em minha investigação que a escolha por brinquedos do outro sexo ocorre muito mais por parte das meninas do que o contrário, a escolha dos meninos era mais restrita, pois eles manifestavam a não escolha por brinquedos ditos de meninas. Como nos afirma Guizzo (2013)

É impossível inferir ainda o quanto, aos meninos, há uma possibilidade menor de “atravessar” as fronteiras de gênero. A eles é menos permitido que façam “coisas” de meninas. Elas, por sua vez, quando ocupam lugares considerados masculinos ou quando fazem “coisas” de meninos, são menos repreendidas. (GUIZZO, 2013, p.34).

É muito mais frequente nas escolas a observação e vigilância a cerca das brincadeiras dos meninos, para os pais, muito frequentemente as meninas podem brincar com carrinhos, mas os meninos brincarem com bonecas “soa” para muitos deles como estranho, pensando que esse brincar pode ser uma tendência à homossexualidade. Felipe (1999) alerta para o fato de que

Em especial os homens ficam muito aflitos quando percebem que seu filho apresenta um comportamento que entendem como uma possível tendência “homossexual”. Para estes pais, é como se suas próprias identidades masculinas estivessem em jogo, na medida em que não foram “homens o suficiente” para influenciar o filho com este modelo de masculinidade tido como normal e hegemônico. (FELIPE, 1999, p.170).

Portanto, nós profissionais da educação, formadores de opiniões precisamos abrir espaços para discussões sobre questões de gênero, levando em consideração a produção de identidade da criança e sua aceitação na sociedade.

4 ENTRANDO NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO DA FAIXA ETÁRIA UM

Este Trabalho de Conclusão de Curso toma como potência para a sua metodologia de pesquisa observações e registros como, por exemplo, fotografias das brincadeiras, anotações em diário de campo sobre as falas das crianças e dos acontecimentos durante as brincadeiras. Buscou-se analisar como iniciavam e terminavam as brincadeiras, pois nesta faixa etária tudo acontece muito rápido. Observei como escolhiam e selecionavam os objetos e brinquedos, o que falavam durante as brincadeiras, o que e como representavam o mundo adulto através das brincadeiras. Segundo Ludke e André (1986)

[...] a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.26).

As observações foram realizadas entre os meses de junho a outubro de 2015, em todos os ambientes da escola e momentos da rotina das crianças. Durante as mesmas, não interferi no brincar delas, registrei através da escrita e da fotografia, muitas vezes tentando fazer com que não vissem, pois ao ver a câmera alguns paravam a brincadeira ou se intimidavam a brincar, dessa forma eu participava apenas quando era convidada.

A escola onde foram realizadas as observações é uma EMEI inaugurada no ano de 2013, sendo uma das escolas contempladas pelo Projeto Pró-Infância do governo federal. O espaço surgiu devido à necessidade das famílias do bairro, um dos mais populosos do município, em não disporem de lugares adequados para deixar seus filhos. Sendo assim foi idealizada, esperada e recebida pela comunidade do bairro com muito carinho, como um espaço pensado para o desenvolvimento infantil das crianças pequenas desta localidade. Atualmente a escola atende 168 crianças, de zero a quatro anos, nos turnos da manhã, tarde e integral.

A Faixa Etária “UM”, turma na qual foi realizada a pesquisa, é composta por 14¹ crianças, 6 meninas e 8 meninos com 3 professoras titulares. Uma turma de turno integral, a criança chega à escola no turno da manhã, por volta das 7 horas e 30 minutos e permanece até o fim da tarde, por volta das 17 horas, as observações foram feitas no ano de 2015.

¹ São 15 vagas, mas houve uma desistência ao longo do ano.

Minha escolha por realizar a investigação nesta turma foi movida pelo fato de já estar² com eles desde o início do ano, essa faixa etária já me instigava a refletir e problematizar sobre o brincar. Eu já estava atenta e observando os modos de brincar e como utilizavam a imitação do mundo adulto e faz-de-conta em suas brincadeiras. Conforme o que aponta o Plano Político Pedagógico – PPP – da escola em 2014, “A equipe pedagógica da escola (equipe diretiva, professores e colaboradores) em seu fazer cotidiano denota um olhar significativo e sensível a toda e qualquer criação e conquista da criança e também a todos os gestos, valorizando o seu desenvolvimento”. (NOVO HAMBURGO, 2014, p.9).

Durante a investigação busquei em muitos momentos me distanciar do grupo, como modo de aguçar, durante as observações, o exercício de um olhar sensível e atento, com vistas a atentar ao quanto estavam brincando com bonecas, panelinhas, colheres e utensílios de cozinha, o que me chamou muita atenção por serem tão pequenos e já estarem representando o mundo através de suas brincadeiras.

Buscando ver, ouvir, refletir e investigar os modos de brincar de faz-de-conta em uma pesquisa com crianças pequenas, ressignifiquei meu olhar e concordei com o que explica Silva *et al.*

Ver: observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho e a técnica. Ouvir: captar e procurar entender; escutar o que foi dito e não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender gestos, discursos e ações. Esse aprender de novo a ver e ouvir (e estar lá e estar afastado; a participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação) se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzida na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano. (SILVA *et al.*, 2008, p. 86).

Mas e por que a escolha em realizar a pesquisa junto “COM” crianças e não sobre as crianças? Primeiro por se tratar de um tema que somente observando e estando junto ao sujeito de pesquisa poderia investigar com detalhamento as ações das crianças. Segundo porque eu queria fazer com que elas fossem os protagonistas da pesquisa, agindo e reproduzindo de forma espontânea e real suas brincadeiras. Conforme Dornelles e Lima (2013, p.5), “a etnografia é entendida como uma das principais metodologias para se pesquisar a infância, pois se entende que este modo de fazer pesquisa capta melhor à voz da infância e seus modos de participação nos dados apresentados”.

Sendo assim, esta pesquisa foi realizada com crianças pequenas, procurando investigar os modos como os meninos e as meninas desta turma utilizavam *o brincar de faz-de-conta*,

² Sou uma das professoras titulares da turma.

como eles interagiam, o que diziam neste brincar e como representavam o que entendem de mundo em suas brincadeiras, como a criança representa a realidade, recordando algo e representando através das mesmas.

Para dar suporte teórico-metodológico à investigação, fiz uso de autores como Piaget (1978), Santos (2001), Kishimoto (2006), Fortuna (2013), Oliveira (2000), Dornelles (2001), Gonzalez-Mena e Eyer (2014), entre outros. Autores que estudam o brincar e o lúdico de crianças pequenas.

Fiz uso do recurso da fotografia, atentando para aquilo que a teoria nos mostra ao se fazer uma pesquisa com crianças ou mesmo investigar com pequenos e mais precisamente, dar visibilidade às crianças. A produção da pesquisa foi composta, das observações participantes nas atividades com e para as crianças, com vistas a “examinar com todos os sentidos um evento, um grupo de [crianças], [uma criança] dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-la” (DAMICO e KLEIN, 2012, p.72). Para estar com as crianças nessa pesquisa pude observar que nem sempre isso se dava através da sua oralidade, mas se colocava por meio de outras linguagens que as mesmas vinham a utilizar. A fotografia me auxiliou a observar atentamente para o como as crianças brincavam de faz-de-conta e o quanto essas fotos me diziam do que as crianças estavam entendendo da rotina do grupo.

Tendo o diário de campo, o diário de aula e as fotografias, acreditei ter em mãos um material fértil no que dizia respeito às escutas, às vivências, aos silêncios, aos ruídos, às vozes, aos modos de participar das crianças que frequentavam a turma da Faixa Etária Um. Sabendo que os dois documentos, caderno e fotos, foram carregados de minhas impressões, sensações, ideias para se pensar os ditos e feitos naquele espaço com criança, já que tanto a escrita, como o ato mesmo de fotografar não são neutros.

É preciso frisar ainda aquilo que Pereira afirma, “[...] o que nomeamos como pesquisa *com* crianças implica, portanto, a construção de uma postura de pesquisa que coloca em discussão o lugar social ocupado por pesquisadores e crianças na produção socializada de conhecimento e de linguagem” (PEREIRA, 2012, p.63, grifo da autora). Portanto, o detalhamento das cenas observadas e que se retratam principalmente nas imagens capturadas durante o faz-de-conta das crianças, de algum modo colaborou para confirmar o estudado sobre as questões teórico-metodológicas que sinalizam a importância de se fazer pesquisas com crianças bem pequenas.

5 COMO BRINCAM DE FAZ-DE-CONTA AS CRIANÇAS DA PESQUISA

A partir do momento em que a criança é capaz de imaginar, ela torna-se capaz de desenvolver a sua expressividade por meio de diferentes formas como a oralidade, a expressão plástica, musical e dramática, passando a relacionar-se com o mundo de uma maneira qualitativamente diferente. (SANTOS, 2014, p. 109).

Através das observações, das fotografias e das escritas de meu diário de campo realizadas durante o tempo de investigação, venho neste capítulo analisar o que me chamou atenção durante as brincadeiras de faz-de-conta desta turma, estas que aconteceram em muitos momentos de brincadeira livre e dirigida³ da turma.

Assim estabeleci duas categorias de análise dos dados: 1) a rotina da educação infantil, na qual esteve presente em muitas das representações das crianças em suas brincadeiras; e 2) o brincar de faz-de-conta “para meninos” e “para meninas”, pois permaneceu fortemente dividido.

5.1 O BRINCAR DE FAZ-DE-CONTA QUE REPRODUZ OS MOMENTOS DA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Santos (2014) a imitação representativa pode ser observada somente na sexta fase da imitação, que ocorre por volta do primeiro ano de idade e pressupõe a capacidade da criança de reportar-se a um objeto ou acontecimento ausente, ou seja, a criança vivencia algo e não exatamente após reproduz, mas poderá reproduzir alguns dias depois.

Percebeu-se diversas vezes em minhas observações o quanto uma menina de dois anos, recém-completados, representava em suas brincadeiras momentos diferentes da rotina da turma, me refiro a rotina como sendo atividades desenvolvidas durante o dia, realizadas diariamente pelas professoras e crianças como, por exemplo, dormir, almoçar, lanche, lavar as mãos, trocas de fraldas, entre outras. Indo ao encontro do que afirma Barbosa (2006)

As crianças, desde muito pequenas, precisam interagir com os objetos aos quais estão expostas e aprender os hábitos socioculturais da sua coletividade. Em nossa sociedade, por exemplo, é preciso aprender a comer com talheres, a escovar os dentes, a definir e a compartilhar brinquedos, entre outras aprendizagens. Para tanto,

³ Como professora da turma eu estava presente durante todos os dias nesta jornada.

a imitação e a realização conjunta de atividades é uma das formas que nós, seres humanos, temos de sobreviver e assimilar as relações sociais produzidas em nossa cultura. (BARBOSA, 2006, p.38).

As imagens abaixo retratam o como as crianças se expressavam durante o faz-de-conta, sobre o como estavam entendendo a rotina que as cerca na escola. Assim, pude observar por seus gestos, por suas falas e ações, que elas estavam “entendendo” não só como a rotina se estruturava no dia-dia, mas também que há normas sociais a serem seguidas antes de realizarmos determinadas tarefas. Vejamos a sequencia de imagens a seguir, onde três crianças estão representando esta cotidianidade (fig. 1, 2, 3, 4 e 5).



Figura 1

Nesta sequencia de imagens, uma menina conduz a brincadeira. Em um canto da sala, organizado com utensílios de cozinha, a menina vê um gancho e ali começa sua brincadeira de faz-de-conta. Ela pega uma de suas colegas, a mais próxima e lava suas mãos na torneira, gancho, em seguida pega uma toalha no alto e as seca, toalha imaginária. (fig.1)



Figura 2

Retira esta colega e pega outro colega que está próximo, nesta imagem pode-se perceber como ela conduz este menino até o local, pegando-o pelos braços de costas, conforme faz a professora. (fig. 2)



Figura 3

Nesta terceira imagem percebe-se a riqueza dos detalhes, onde a menina lava as mãos minuciosamente do menino, enquanto outra colega a observa. (fig. 3)



Figura 4

Já terminando de lavar as mãos do colega, pega a “toalha” e seca suas mãos. (fig. 4)



Figura 5

Encerrando a brincadeira, na quinta e última imagem, a menina lava suas mãos (fig. 5) e se dirige para outra brincadeira na qual alguns colegas estão envolvidos, mas que lhe chama a atenção. Durante este momento da brincadeira a menina representou exatamente as mesmas falas e posições que as professoras tomam ao realizar a higiene das mãos, tomando a frente e fazendo com que os colegas participassem da mesma.

Observando tais imagens e representações me remeto a proposta de trabalho de Maria Montessori (1937), pois entre as características marcantes da metodologia montessoriana encontra-se os exercícios de vida diária, atividades dirigidas realizadas diversas vezes a fim de encontrar a perfeição para realizar tais tarefas. Para Montessori (1937, p.120), “o segredo da perfeição está na repetição e, por conseguinte, em ligar os exercícios às funções usuais da vida real”.

Analisando as imagens vemos que as crianças em suas brincadeiras de faz-de-conta, mesmo não praticando exercícios de vida diária, estão realizando afazeres da vida cotidiana apenas observando e projetando as ações vistas e vivenciadas. De acordo com Barbosa (2006)

A escola para as crianças pequenas torna-se um local em que cada criança e cada adulto chega com suas culturas, seus hábitos e seus rituais, isto é, com sua particular concepção de mundo. Na vivência dessa experiência coletiva, todos vão descobrindo outros modos de ser e de realizar as atividades que garantem a sua sobrevivência diária e que são realizadas por todos. (BARBOSA, 2006, p.112).

Agora, vejamos novas sequências de imagens representadas por três crianças de outra parte da rotina, muito discutida pelas escolas de educação infantil, a hora do sono. As professoras disponibilizam em um pátio externo várias caixas de papelão e giz de quadro. Depois de muito tempo de brincadeira com as caixas, elas começam a se desmontar e aí então começa esta brincadeira. A menina deita-se em um papelão e finge dormir, um colega se aproxima, senta ao seu lado e começa a ninar, com um leve carinho nas costas. Tais ações das crianças na brincadeira me remetem a Pereira (2012), quando explica que

[...] É nessa arena de interlocuções que situamos a singularidade da pesquisa com crianças, uma vez que dialogar com as crianças e suas produções, ou assumir a infância como uma temática de estudo, funda uma realidade em que a experiência da pesquisa é necessariamente diferente daquela que poderia ser vivida no diálogo com outros interlocutores, temas ou contextos. (PEREIRA, 2012, p.63).

Dialogo que ultrapassa a palavra como única forma de expressão das crianças na pesquisa e isso se pode perceber nas imagens que a menina que representou as ações anteriores protagoniza também as ações a seguir. (fig. 6)



Figura 6

Depois de certo tempo, os dois invertem os papéis, o menino se deita e a menina começa a fazê-lo dormir. Outro colega que estava por perto se aproxima e deita ao lado para participar da brincadeira. (fig. 7)



Figura 7

Este colega que se aproximou e quer participar da brincadeira não fica deitado quietinho, a menina então chega perto do seu ouvido e diz: “Agora é hora de dormir!” (fig. 8)



Figura 8

O menino então fecha os olhos e permanece quieto, outro menino se aproxima, mas a menina não aceita mais ninguém na brincadeira e a encerra, saindo correndo pelo pátio. (fig.9)



Figura 9

Nestas imagens, observamos a hora do sono sendo representada com muitos detalhes, movimentos e falas próprias do momento do sono da turma, pois as três crianças que

compõem estas cenas permanecem acordadas por bastante tempo até pegar no sono, precisando de mais atenção, assim as professoras se aproximam e permanecem do seu lado fazendo um carinho.

O momento do sono faz parte da rotina das crianças que permanecem em turno integral nesta escola, como já dizia Barbosa (2006, p.37) “as rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade”.

Uma das funções da brincadeira de faz-de-conta é a de que através dele a criança pode reviver situações que lhe causam excitações, alegria ou ansiedade, medo ou raiva. Dornelles (1996) nos traz como a criança lida com estes sentimentos no jogo de faz-de-conta,

Ela pode através desse jogo mágico expressar e trabalhar as emoções fortes e difíceis de suportar. É como se o brinquedo servisse para resolver os momentos difíceis que ela teve que experienciar, dele se apropriando, fazendo e compreendendo através de suas próprias ações. Brincando de médico, de operação, de injeção, de engolir remédios ruins [...], ela pudesse reviver no faz-de-conta as situações talvez traumáticas e doloridas, vividas por ela ou por um coleguinha, explorando-as com certo distanciamento para poder entender e trabalhar o que lhe é difícil enfrentar. (DORNELLES, 1996, p.10).

Assim como acontece na brincadeira destas crianças, quando representam algo que vivenciam todos os dias na escola, mas que muitas vezes não lhe agradam no momento. O momento do sono, assim como muitas outras situações que ocorrem durante o dia em escolas de Educação Infantil, é muito discutido e avaliado ultimamente. A Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo vêm trazendo em reuniões algumas discussões a cerca deste assunto, quanto aos horários destinados a cada atividade nas escolas.

A escola onde a pesquisa foi realizada mantém uma rotina diária de ações para cada turma, pois a quantidade de profissionais de educação que trabalham no local não suportaria atender as crianças em locais separados, assim como há falta de estrutura para isso. Dessa forma, como afirma Barbosa (2006, p.45) “a rotina pedagógica é um elemento estruturante da organização institucional e de normatização da subjetividade das crianças e dos adultos que frequentam os espaços coletivos de cuidados e educação”.

Ainda em relação à rotina percebeu-se, na turma investigada, que quando as ações aconteciam naquela ordem repetidamente, as crianças já conseguiam se situar no tempo e espaço sentindo-se tranquilas e seguras, pois quando acontecia algum imprevisto e mudávamos a ordem da rotina percebia-se claramente o quanto ficavam agitados e inconsolados, nos mostrando que,

[...] vale a hipótese do valor estruturante da rotina: ela confere uma ordem para a experiência confusa da criança, ajuda-a a orientar-se, quando transforma a experiência de viver em um mundo que é, ao menos em parte, previsível e, conseqüentemente, mais tranquilo e seguro. Mas isso não significa, obviamente, o excesso de uma total normatividade da jornada. (BERTOLINI, apud BARBOSA, 2006, p.44-45).

Nas ações representadas pelas crianças nas imagens também observamos a interação que ocorre entre elas, Corsaro (2011) chama de “cultura de pares”, para o autor, “é um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”, pois é durante a interação que ocorrem nas brincadeiras que as crianças negociam, se expressam, tomam decisões, alternam papéis.

Esse modo de brincar vai circunscrever a brincadeira da criança pequena com outras crianças e transformá-la, dado que o vínculo afetivo criado entre os parceiros oferece às crianças segurança para elas explorarem novas formas de conhecer o mundo, de construir identidades, de lidar com sua autonomia, de enriquecer sua capacidade de lidar com símbolos e com a emergente linguagem. Assim, os modos de brincar com o outro se transformam conforme o parceiro e a situação, modificando-se com a idade e a experiência de vida. (ROSSETTI-FERREIRA e OLIVEIRA, 2009, p.62).

Do mesmo modo como a menina nas duas situações de brincadeira o faz, mostrando como deve ser feito, quem pode e quem não pode participar da brincadeira e terminando-a na hora que acha necessário. Durante as brincadeiras aconteciam falas, discussões e negociações, onde na maioria das vezes, a menina centro das imagens e a trazemos para o texto novamente:



Como vimos acima, comandava o brincar das crianças e quem não aceitasse suas “regras” acabava ficando de fora da brincadeira ou até mesmo ela mudava o rumo da brincadeira.

5.2 UM BRINCAR DE FAZ DE CONTA DE MENINOS E MENINAS

Durante a investigação na turma eu não havia percebido, acredito que por estar acostumada a vê-los brincar daquela forma e ainda não ter sido esta a minha questão a ser pesquisada, ou mesmo ter atentado meu olhar, para o quão forte estava dividido os tipos de brincadeiras de faz-de-conta dos meninos e das meninas e a escolha por tais brinquedos. Nesse momento, exercia o que Macedo (2012, p.116) chama de “desafio híbrido” do lugar da pesquisadora e da professora que vinha sendo organizado no percurso metodológico e que essa dualidade peculiar na minha pesquisa “delinearia nuances singulares ao estudo”. Foi a partir do momento em que comecei a selecionar, organizar e analisar as fotos para fazer a análise da pesquisa que me deparei com a grande quantidade de imagens de meninas brincando com bonecas e meninos com carrinhos, caminhões e barcos, com algumas poucas exceções. De acordo com Brougère (2004, p.289), “meninos e meninas não brincam da mesma maneira, nem com os mesmos objetos”.

Contudo, em um primeiro momento, senti um tanto de decepção e desespero, pois não era o que nós, professoras, queríamos estar proporcionando àquelas crianças, brincar com diferenças de gênero, já que proporcionamos e oferecemos igualmente os objetos, brinquedos e brincadeiras no dia a dia, pois como afirma Felipe (2001),

[...] cabe também às educadoras e aos educadores diluir algumas barreiras rigidamente estabelecidas em relação ao que seja apropriado para meninas e meninos. Afinal, vivemos num mundo em constante transformação e diversidade, cabendo também à escola infantil uma leitura atenta do que está à sua volta, que não permita que as diferenças entre as pessoas e os grupos se transformem em desigualdades, ferindo assim seus direitos fundamentais. (FELIPE, 2001, p.65).

Mas por outro lado, refletindo e realizando diversas leituras acerca do tema, percebi que não é somente nas escolas onde as crianças brincam. Na escola oferecemos uma diversidade de brincadeiras e brinquedos, mas em suas casas, muitas vezes, as crianças costumam, desde o nascimento, receber o que a grande maioria da sociedade impõe meninos

com brinquedos “para meninos” e meninas com brinquedos “para meninas”. Para Brougère (2010),

A cultura lúdica recebe estruturas da sociedade, conferindo-lhe um aspecto específico. É o que acontece com a diferença de gênero que provém da sociedade, mas adquire traços específicos na cultura lúdica. Na verdade, esta é diferenciada: diferença de sexos, de gerações, até mesmo de idade, de meio social, de nações e de regiões. (BROUGÈRE, 2010, p.55).

As meninas da turma estavam brincando diversas vezes com bonecas, bonecas-bebê, na sala havia um canto das bonecas, com uma caixa cheia de roupas e tecidos, uma banheira e outros utensílios. Seguidamente, nas brincadeiras livres realizadas na sala de aula, as meninas pegavam uma boneca com um travesseiro ou almofada e carregavam pelo colo, se dirigiam até a cozinha, pegavam uma mamadeira e amamentavam seu bebê, muitas vezes até mesmo seus próprios bicos eram oferecidos a elas. Caixinhas de papelão serviam de cama, pedaços de tecidos como lençol ou roupas e peças de madeira como casas. Mas por que as crianças brincam desta maneira com bonecas-bebê? Brougère (2004) explica,

A boneca-bebê se insere numa brincadeira na qual a criança reproduz ou inventa situações ligadas aos cuidados maternos, que se deve entender de uma forma ampla. Ela se instala num universo muito extenso que forma toda uma parte da cultura infantil, voltada para a relação com o ambiente cotidiano. Podemos fazer uma distinção das ações que estão mais próximas da boneca (acariciar, falar) nas quais a dimensão afetiva da relação é essencial, das ações de cuidado mais material (pentear, vestir, dar de comer) e das ações indiretas nas quais a boneca é posta entre parênteses (preparar a comida, as roupas e até se dedicar a outras ocupações enquanto a boneca dorme). Efetivamente, é em torno da boneca que se estrutura todo o vasto campo da imitação dos papéis cotidianos. (BROUGÈRE, 2004, p.80).

Essas brincadeiras de faz-de-conta com a boneca-bebê como nos ensina o autor, envolvem ações de maternagem, elas eram frequentes entre as meninas da turma, mas continuava a questão: por quê os meninos da turma não se faziam presentes nessas brincadeiras? As imagens a seguir nos mostram como brincavam. (fig. 10, 11, 12, 13 14 e 15)



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

Observava que apenas um dos meninos da turma brincava com as bonecas nos momentos livres de brincadeira, o que mais chamava a atenção era a escolha pelas bonecas e o jeito como as carregava, sempre escolhendo as mesmas bonecas, as duas maiores que havia na sala e deitava-se sempre no meio destas, ou sentava-se em uma cadeira e as colocava no colo uma em cima da outra, como mostra a imagem que segue.



Figura 16

Os meninos da turma brincavam, na maioria das vezes, com caminhões, carrinhos, barcos e trens. O que se observa é o fato de em casa estas crianças tem tido a oportunidade de brincar apenas com carrinhos. De acordo com Felipe e Guizzo (2003),

Desde muito cedo, até mesmo antes de nascermos, somos investidos de inúmeras expectativas, em função de nosso sexo – meninos ou meninas – e da nossa condição social, dentre tantas outras. Talvez não seja exagero afirmar que nossas identidades (de gênero, sexuais, raciais) vão-se delineando, mesmo antes de nascermos, a partir das inúmeras expectativas que são em nós depositadas. (FELIPE; GUIZZO, 2003, p.124).

As indústrias de brinquedos e as propagandas contribuem para que se potencialize esta distinção entre os sexos, prateleiras de lojas de brinquedos são divididas, o lado das meninas e o lado dos meninos, brinquedos para meninas e brinquedos para meninos, e isto acaba reforçando a diferença entre meninos e meninas. Brougère (2004) já apontava que os brinquedos femininos evocam maciçamente o universo familiar, os brinquedos masculinos são marcados por temáticas que não pertencem ao lar, desde carro que permite sair de casa até aos universos profissionais e à aventura.

Nas escolas de Educação Infantil, frequentemente, nós professoras precisamos lidar com famílias que não aceitam que sua criança brinque com determinado brinquedo, na maioria das vezes por tal brinquedo “ser” destinado a outro sexo, isso já nos mostra porque a escolha da criança versa por brinquedos do seu sexo.



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20

Como se pode perceber nas imagens acima, dois meninos em situações e momentos diferentes brincam com carrinhos, caminhões, trens e barco, observei que durante estas

brincadeiras geralmente brincavam sozinhos, sem a companhia de outros colegas, diferente do que acontece com as brincadeiras das meninas com as bonecas, que interagem e convidam umas as outras para brincar.

Nas imagens e observações realizadas podemos ver como as crianças usaram e desenvolveram suas habilidades, transformaram diferentes aspectos do mundo adulto em brincadeira, como nos ensina Corsaro (2011), “elas não apenas imitam ou reproduzem aspectos do mundo adulto, mas também os confrontam, manipulam e transformam”. Ainda o autor em (2009, p.67), ensina que “[...] o foco é pensar as interações e as brincadeiras das crianças como sendo produções e ao mesmo tempo produtos das culturas dos grupos infantis [e adultos]”.

6. TERMINANDO A BRINCADEIRA

Certamente as reflexões sobre o tema abordado nesta pesquisa não se encerram com o término da escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso, pois muito se tem a analisar e refletir a cerca das brincadeiras de faz-de-conta das crianças bem pequenas.

Tive algumas surpresas ao longo da pesquisa, pois não esperava me deparar com a diferença de gênero nas brincadeiras escolhidas pelas crianças e isto me fez refletir e compreender o porquê daquela diferenciação e o efeito, muitas vezes imposto pelas culturas infantis, nas escolhas por brinquedos e brincadeiras.

A brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação. A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ela existe num dado momento, mas com todo seu peso histórico. (BROUGÈRE, 2010, p.82).

Busquei compreender como as crianças tão pequenas daquela turma estavam utilizando o faz-de-conta, mesmo sendo crianças bem pequenas e “pouco vistas” neste tipo de brincadeira. Contudo minha investigação, leituras e estudos realizados para a realização deste TCC, me levam a afirmar o quanto de significados e de aprendizagens estava representado naquelas brincadeiras, e o quanto o currículo escolar e o mundo adulto estavam presentes nestas brincadeiras, Kishimoto (2006) afirma

Ideias e ações adquiridas pelas crianças provêm do mundo social, incluindo a família e o seu círculo de relacionamento, o currículo apresentado pela escola, as ideias discutidas em classe, os materiais e os pares. O conteúdo das representações simbólicas recebe, geralmente, grande influência do currículo e dos professores. (KISHIMOTO, 2006, p.39).

A representação da brincadeira destas crianças trouxe muitas reflexões para minha contínua caminhada na Educação Infantil, pois muitas das ações representadas naquelas brincadeiras eram vividas ali na escola. De acordo com Dornelles e Horn (1998, p.23) “o cotidiano da Educação Infantil está sempre impregnado de vínculos e afetos” e isto nos faz pensar o quanto nossas ações estão sendo significativas e lembradas nas memórias e na vida destas crianças.

A rotina desta turma esteve presente em muitas das representações e brincadeiras de faz-de-conta, sendo assim resultado de uma das análises de dados desta pesquisa. Acredito

que por serem momentos significativos e que traziam boas lembranças para as crianças, pois nestes momentos ficavam num contato direto e mais pessoal, reservado com as professoras, como na hora de dormir, comer, trocar fralda. Indo ao encontro do que explica Kishimoto (2006),

Representar é dar forma às experiências humanas significativas; é rerepresentar, tornar novamente presente, presentificar vivências que, por sua importância, mereçam ser permanentemente lembradas. O imaginário não se confunde com o real, ele é um instrumento para a compreensão e a tomada de consciência do real. (KISHIMOTO, 2006, p.52).

Pude compreender o porquê das escolhas das meninas por brincadeiras com bonecas-bebê, com um significado histórico-cultural, muitas vezes como a única possibilidade de brincar que muitas meninas têm, pois essas envolvem noções de cuidados “maternos”, na maioria das vezes é realizado apenas pelas mães das crianças. Nem sempre, mesmo que isso já venha mudando, as meninas são intensamente cuidadas pelos pais, pois muitas vezes esse afirma que isso é tarefa de mulher. Assim como as brincadeiras dos meninos com carrinhos, caminhões, recebendo grande efeito da sociedade que destina e diferencia esses brinquedos como brinquedos “para meninos”. Contudo, ainda fica uma pergunta no ar: meninos continuam sendo cuidados por suas mães, e no grupo a maioria dos meninos não representava essas ações em suas brincadeiras de faz-de-conta. Bem como, muitas meninas continuam vendo suas mães pintando a casa, dirigindo carro, arrumando telhado, consertando cercas, e pouco utilizam os brinquedos tidos “masculinos” em suas representações do brincar.

Sendo assim, cabe a nós professores e profissionais da educação dar voz, valor e sentido ao brincar de faz-de-conta das nossas crianças, dar tempo às explorações, descobertas, representações. Possibilitar que meninas e meninos criem enredos em seu brincar, que fujam as situações do menino só brinca de carro e da menina só cuida o filhinho. Organizar e preparar ambientes seguros e desafiadores, em que meninas e meninos possam interagir entre si e com seus pares, atentando para que muitas vezes, nós professores estruturamos canto de brincar na sala, separados e divididos com brinquedos para meninos brincarem e vice-versa. Oportunizar-lhes vivências em espaços onde possam criar enredos para as suas brincadeiras de faz-de-conta, enfim, deixar a infância ser vivida e representada por nossas crianças de forma lúdica e prazerosa, independente das marcas sociais que impõem desde muito cedo um modo único e “certo” de brincar.

Volto à paráfrase que inicia este Trabalho de Conclusão de Curso e tomo Lili com seu mundo inventado, onde é possível que brinque e invente fazendo uso de coisas que talvez para

uns fosse coisas só de menino. “Lili vive no mundo do faz-de-conta. Faz de conta que isto é um avião, zum... Depois aterrizou em pique e virou trem. Tuc, tuc, tuc, tuc... Entrou pelo túnel chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! Pum! O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus! No auge da confusão, levaram Lili para a cama a força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.”. Como aprendi com esta investigação, quero ser uma professora Lili, capaz de possibilitar que meninos e meninas, desde muito pequenos possam inventar suas brincadeiras, seus brinquedos, seu mundo.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOMTEMPO, Edda. **A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, Angela S. **A prática docente com os bebês**. Revista Pátio, Porto Alegre, p.09, abril/junho 2013.

DAMICO, José; KLEIN, Carin. **O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social**. IN: MEYER, Dagmar e PARAISO, Marlucy. *Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DORNELLES, Leni Vieira. **O brinquedo e o jogo na educação infantil**. IN: Espaço Escola: Unijuí, Ijuí, ano 4, n.19, 1996, p. 5-11.

DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patricia de Moraes. **Sobre a produção dos infantis e os im (pensáveis) percursos da pesquisa com crianças**. 2013 (No prelo, Editora Mediação).

_____. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca**. In: CRAIDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gladis. E. P.S. (Org.). *Educação Infantil: Prá que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 101-108.

FELIPE, Jane. **Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação**. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999. p. 167-179.

FELIPE, Jane. **Infância, gênero e sexualidade**. Educação e Realidade. Porto Alegre, Faced/UFRGS, v.25, n.1, jan./jun. 2000. p.115-131.

FELIPE, Jane. **Sexualidade, Gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a educação infantil**. In: CRAIDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gladis. E. P.S. (Org.). Educação Infantil: Prá que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 101-108.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S. **Erotização dos corpos infantis na sociedade do consumo**. Revista Pro-Posições, v.14, n.3 (42) – set/dez. 2003. p.119-130.

FORTUNA, Tânia R.; SILVA, Natália S. da. **Concepções sobre o brincar dos bebês**. Revista Pátio, Porto Alegre, p. 05, abril/junho 2013.

FORTUNA, Tânia R. **O lugar do brincar na educação infantil**. Revista Pátio, Porto Alegre, p. 09, abril/junho 2011.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne W. **O Cuidado com Bebês e Crianças Pequenas na Creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

GUIZZO, Bianca S; BECK, Dinah Q; FELIPE, Jane. **Infâncias, gênero e sexualidade: articulações possíveis**. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S; BECK, Dinah Q. (Org.). Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Ed. Ulbra, 2013.

GUIZZO, Bianca S. **Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil**. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S; BECK, Dinah Q. (Org.). Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Ed. Ulbra, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MACEDO, Lino. **Faz - de - conta na escola: a importância do brincar**. Revista Pátio, Porto Alegre, p. 10, dez. 2003/ mar. 2004.

MACEDO, Nélia. Alterar, alterar-se: ser professora, ser pesquisadora. IN: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia (orgs.) **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p.109-130.

MEYER, Dagmar e PARAISO, Marlucy. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MONTESSORI, Maria. **El método de la Pedagogia Científica**. Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1937.

NOVO HAMBURGO, Prefeitura Municipal De. Secretaria Municipal de Educação. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**. 2014.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar e o ingresso no tempo histórico e cultural. In:

OLIVEIRA, Vera Barros de. (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 95-126.

PEREIRA, Rita Ribes. Pesquisa *com* crianças. IN: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia (orgs.) **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p.59-86.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

QUINTANA, M. **Lili inventa o mundo**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Um diálogo com a sociologia da infância a partir da Psicologia do Desenvolvimento**. In: MULLER, Fernanda e CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Vera L. B. dos. **Promovendo o desenvolvimento do faz-de-conta na educação infantil**. In: CRAIDY, Carmem. M.; KAERCHER, Gladis. E. P.S. (Org.). Educação Infantil: Prá que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 89-100.

SILVA, Juliana P.; BARBOSA, Silvia Neli F.; KRAMER, Sonia. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças**. In: CRUZ, S.H. V. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008. p. 79-101.

ZATZ, Sílvia; ZATZ André; HALABAN Sergio. **Brinca Comigo!** Tudo sobre brincar e os brinquedos. São Paulo: Marco Zero, 2006.

8 ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO***À diretora da escola*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Curso em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar as relações das crianças com as brincadeiras e os brinquedos que estas utilizam para brincar, focando nas brincadeiras de faz-de-conta, buscarei analisar como utilizam o brincar de faz-de-conta nesta faixa etária (entre um e dois anos).

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo realizar observações na turma sem realizar interferências em suas brincadeiras, também utilizarei fotografias como recurso para registrar alguns momentos de brincadeiras.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações na turma junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados gerados pelas observações serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: (51) 91602171 ou pelo endereço eletrônico refiel_nessa@hotmail.com. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, _____, RG sob o número _____, Diretora da Escola Municipal de Educação Infantil concordo que a pesquisa seja realizada em minha escola.

Assinatura da(o) participante – Diretora da Escola.

Nome e assinatura da(o) pesquisador(a)

Nome e assinatura do(a) orientador(a) da pesquisa

N.H. ____/____/2015.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos pais e/ou responsáveis

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Curso em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar as relações das crianças com as brincadeiras e os brinquedos que estas utilizam para brincar, focando nas brincadeiras de faz-de-conta, buscarei analisar como utilizam o brincar de faz-de-conta nesta faixa etária (entre um e dois anos).

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo realizar observações na turma sem realizar interferências em suas brincadeiras, também utilizarei fotografias como recurso para registrar alguns momentos de brincadeiras.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações na turma junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados gerados pelas observações serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: (51) 91602171 ou pelo endereço eletrônico refiel_nessa@hotmail.com. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, _____, RG sob o número _____, responsável pela(o)

_____,
concordo em participar da referida pesquisa.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Assinatura da orientadora da pesquisa

N.H. ____/____/2015.